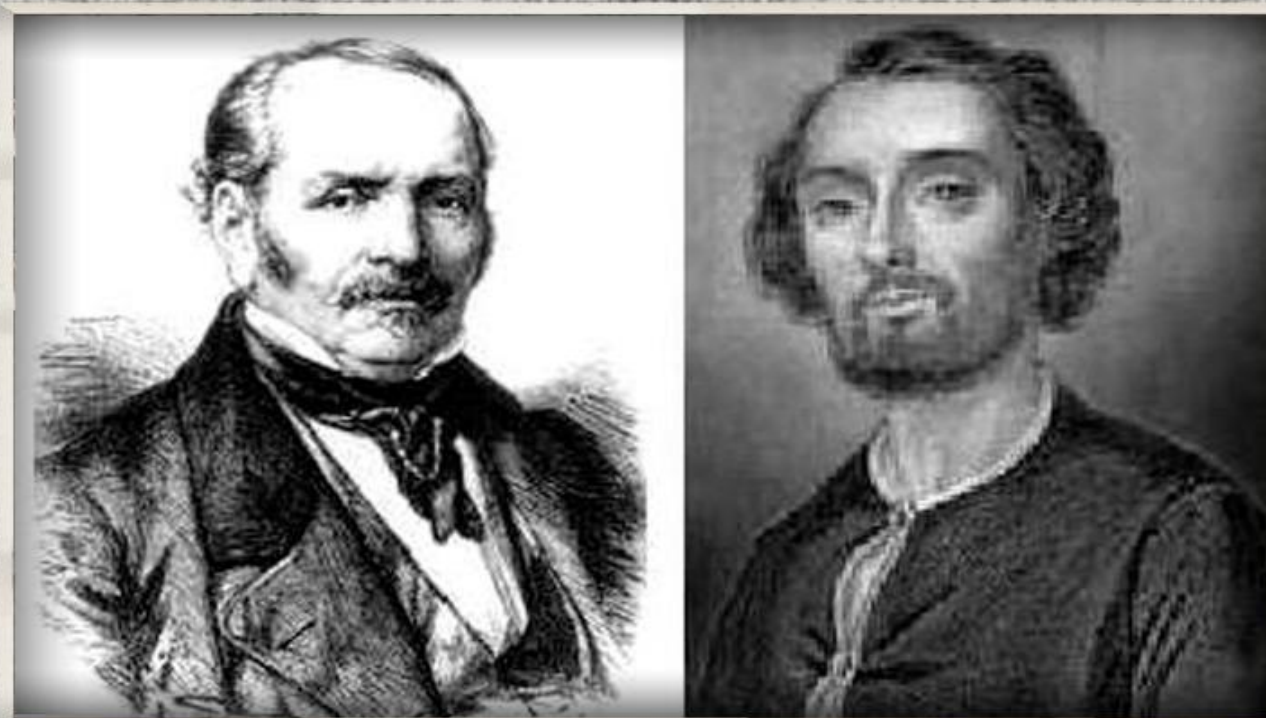


ALLAN KARDEC

UMA BREVE BIOGRAFIA



Maurice Lachâtre

ALLAN KARDEC – UMA BREVE BIOGRAFIA

MAURICE LACHÂTRE

Lançamento original:

Allan Kardec - Nouveau Dictionnaire Universel / Tome 01

Par Maurice Lachâtre

Docks de Librairie

38, Boulevard de Sebastopol, 38

Paris – 1865

Tradução: Alexandre Rocha

Revisão da Tradução: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada

© 2021

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita

Autores Espíritos Clássicos



ALLAN KARDEC
UMA BREVE BIOGRAFIA

MAURICE LACHÂTRE

PARIS
(1865)



MAURICE LACHÂTRE (1814 - 1900)

Trata-se da citação biográfica de Allan Kardec, publicada em 1865, pelo intelectual Maurice Lachâtre no seu admirável compêndio “*Nouveau Dictionnaire Universel*”. É importante destacar que havia ampla amizade entre Kardec e Lachâtre, logo é de supor que a pequena inscrição biográfica teve o completo aval do Codificador, que à época ainda estava encarnado.

Os tradutores

Prefácio

O Livro dos Espíritos é originário da revelação dos Espíritos por meio da comunicação mediúnica através da “cesta de bico” [1] e posteriormente da “cesta-pião”. [2] Buscando a melhoria do processo, Allan Kardec estudou as maneiras mais apropriadas para obtenção de informações do “além-túmulo”. Contando com a colaboração das médiuns Ruth Celine Japhet, Aline Carlotti, Caroline Baudin, Julie Baudin e Ermance Dufaux, que estavam à sua disposição, descobriu o mecanismo da psicografia que consistia na influência direta do Espírito sobre o médium, controlando determinadas zonas cerebrais através do perispírito para que a Entidade pudesse controlar a sua mão e reproduzir a escrita manual.

Henri Sausse, Zeus Wantuil, Anna Blackwell, principais biógrafos de Allan Kardec, afirmaram que a ideia de um livro de perguntas e respostas, bem como algumas perguntas, foram originárias de 50 cadernos fornecidos por um grupo de maçons, entre eles Victorien Sardou, Pierre-Paul Didier (e seu filho), Tiedeman-Manthèse, e René Taillandier. Tais pessoas já realizavam pesquisas mediúnicas, porém não conseguiram alcançar a plena dimensão desse trabalho, e por isso deliberaram entregar os manuscritos ao professor Rivail, que constatou naqueles calhamaços profundas revelações que deveriam ser divulgadas.

Com efeito, em 18 de abril de 1857, o filho de Lyon publicou a 1ª edição de “O Livro dos Espíritos” dividido em três partes, composto de 501 questionários. Em 1860, lançou a 2ª edição, dessa vez

inteiramente refundida e admiravelmente acrescida para 1019 perguntas, dividida em quatro partes a saber: Causas primárias, Mundo dos espíritos, Lei morais e Esperanças e consolações. Esta edição foi publicada pelo editor Paul Didier e se esgotou em apenas 4 meses. De cada parte do Livro dos Espíritos, Allan Kardec desdobrou os temas resultando nas Obras básicas da Codificação. Observemos o seguinte: da primeira parte - “Causas primárias” - distribuída em quatro capítulos e 75 questões, gerou a obra A Gênese. Da segunda parte - “O mundo dos espíritos” - distribuída em onze capítulos e 537 perguntas, surgiu O livro dos Médiuns. Da terceira parte - “Leis morais” - distribuída em nove capítulos e 308 interrogações, nasceu o Evangelho Segundo

Espiritismo e finalmente da quarta parte - “Esperanças e consolações” - distribuída em dois capítulos e 99 perguntas, resultou O Céu e o Inferno ou “A Justiça Divina Segundo o Espiritismo”.

A Codificação Espírita consubstanciou-se a fim de enfrentar os alvoroços provocados pelas desordens ideológicas do Século XIX e germina no centro cultural do mundo ocidental. Foi publicado portanto em meio a uma torrente de filosofias que induzia o homem ao pessimismo, ao ceptismo e ao niilismo. Surgiu no mesmo ano em que desencarnou o controvertido Augusto Conte, mentor do pensamento positivista, bastante em voga entre a elite intelectual da época. Surgiu no meio dos embates da dialética dividida nesse momento em duas fases nesse - antes e depois do filósofo alemão Hegel - contestador da dialética socrática.

Com a desencarnação de Hegel surgiram duas correntes hegelianas, a ortodoxa (de “direita”) e a socialista (de “esquerda”), esta última representada principalmente por Engel e Marx, culminando no materialismo histórico. Politicamente, os “direitistas” hegelianos veiculavam o argumento conservador, colocando o Estado como

personificação da ética, aparecendo no fascismo na Itália, no nazifascismo na Alemanha e integralismo no Brasil.

Os “esquerdistas” submeteram o cristianismo a severas críticas, lideradas por Karl Marx, estendendo-se para a vida social. Em 31 de março de 1848, quando o Espírito do ex-masquete Charles Rosman assinalava novos horizontes em Hysdesville, nos EUA, o impaciente Marx publicava em Bruxelas, por ocasião do Segundo Congresso da Liga Comunista, o famigerado “Manifesto Comunista”, conclamando a união dos “proletários” da Terra.

O rusguento autor de “O Capital”, sedento de “liberdade”, defendia fortemente a tese de que as soluções das questões econômicas do mundo seriam através do arrogante socialismo “científico”, dando asas para o materialismo e/ou comunismo ateu. Em sua feroz indignação contra a superestrutura do cristianismo, Marx vociferava que o “a religião era o ópio do povo”, uma autêntica emanção do “bicho-papão” do capitalismo.

Ainda naqueles idos de 1859 era lançado o livro que estava destinado a abalar os alicerces da ideia da origem biológica do homem e dos seres da natureza. O britânico Charles Darwin entra para a história com o livro intitulado “A origem da vida pela seleção natural das espécies”. Contudo, desde o seu lançamento, O Livro dos Espíritos permanece inabalável. Já decorreram 158 anos e o Espiritismo conserva-se moderno e insuperável nos seus princípios.

A Doutrina dos Espíritos está alicerçada nos princípios da existência de Deus, da existência e sobrevivência do Espírito, nas leis morais, na reencarnação, na pluralidade dos mundos habitados, na comunicabilidade dos Espíritos. Não trata de ocultismos, não prescreve práticas adivinhatórias, não tem em suas páginas propostas sacramentais, ritos, nem liturgias. É uma doutrina de base científica, filosófica e religiosa. Seus argumentos, marchando passo a

passo com o progresso, jamais serão ultrapassados. Se novas descobertas demonstrarem estar em erro sobre um dos seus pontos, o Espiritismo se renderá modificando esse ponto suspeito. Se uma verdade vier a ser revelada ele a incorporara.

Um dos sinais de vitalidade do Espiritismo é a sua sintonia com o tempo, e isso se reflete nos grupos acadêmicos de pesquisa sobre os preceitos doutrinários. Nas universidades há um crescente interesse pela literatura espírita, mormente especialistas da área de física quântica, matemática, psicologia, medicina, sociologia e história. O fato de se encontrar estudiosos espíritas entre doutores das principais universidades brasileiras é uma prova evidente de que o Espiritismo se firmou como doutrina numa parcela influente do país.

Notas:

[1] Consiste em adaptar-se à cesta uma haste de madeira (15 cm) inclinada. Por um buraco aberto na extremidade dessa haste, ou bico, passa-se um lápis bastante comprido para que sua ponta assente no papel. Pondo o médium os dedos na borda da cesta, o aparelho todo se agita e o lápis escreve. Obtém-se assim dissertações de muitas páginas

[2] É uma cestinha de quinze a vinte centímetros de diâmetro (de madeira ou de vime). Onde se adapta um lápis. O movimento da cesta não é automático, como no caso das mesas girantes; torna-se inteligente. Com esse dispositivo, o lápis, sempre ao chegar à extremidade da linha, não volta ao ponto de partida para começar outra, continua a mover-se circularmente, de sorte que a linha escrita forma uma espiral, tornando necessário voltear muitas vezes o papel para se ler o que está grafado.

Brasília, 25 de novembro de 2021

Jorge Hessen

ALLAN KARDEC
UMA BREVE BIOGRAFIA
(MAURICE LACHÂTRE)

“ALLAN KARDEC (Hippolyte-Léon-Denizard Rivail). Chefe e fundador da Doutrina dos Espíritos, nascido em Lyon, no dia 3 de outubro de 1804, originário de Bourg en Bresse, departamento do Ain. Embora filho e neto de advogados e de uma antiga família que se distinguiu na magistratura e no foro, ele não seguiu essa carreira; cedo se dedicou ao estudo das ciências e da filosofia.

Aluno de Pestalozzi, na Suíça, tornou-se um dos eminentes discípulos do célebre pedagogo, e um dos propagadores de seu sistema de educação, que exerceu grande influência sobre a reforma dos estudos na França e na Alemanha. É nessa escola que se desenvolveram as idéias que deviam mais tarde colocá-lo na classe dos homens de progresso e dos livres-pensadores.

Nascido na religião católica, mas educado num país protestante, os atos de intolerância que ele teve de suportar a esse respeito fizeram-no, desde a idade de quinze anos, conceber a idéia de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio durante longos anos, com o pensamento de chegar à unificação das crenças; mas faltou-lhe o elemento necessário para a solução desse grande problema.

O Espiritismo veio, mais tarde, fornecê-lhe e imprimir uma direção especial aos seus trabalhos. Por volta de 1850, assim que se tratou

das manifestações dos Espíritos, Allan Kardec se entregou às observações perseverantes sobre esses fenômenos, e se dedicou principalmente a deduzir deles as conseqüências filosóficas. Neles entreviu, antes de tudo, o princípio de novas leis naturais: aquelas que regem as relações do mundo visível e do mundo invisível; reconheceu, na ação deste último, uma das forças da natureza, e seu conhecimento devia lançar luz sobre uma multidão de problemas reputados insolúveis, e compreendeu o alcance disso do ponto de vista científico, social e religioso.

“Suas principais obras sobre essa matéria são O Livro dos Espíritos, para a parte filosófica, e cuja primeira edição apareceu no dia 18 de abril de 1857; O Livro dos Médiuns, para a parte experimental e científica (janeiro de 1861); O Evangelho Segundo O Espiritismo, para a parte moral (abril de 1864); O Céu e o Inferno ou a Justiça divina segundo o espiritismo (agosto de 1865); Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos, coleção mensal começada no dia 01 de janeiro de 1858.

Ele fundou, em Paris, no dia 1 de abril de 1858, a primeira sociedade espírita regularmente constituída sob o nome de Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, cujo objetivo exclusivo é o estudo de tudo que pode contribuir para o progresso dessa nova ciência.

O próprio Allan Kardec se proíbe de escrever sob a influência de idéias preconcebidas ou sistemáticas; homem de caráter frio e calmo, observou os fatos, e de suas observações deduziu as leis que os regem; primeiro deu a teoria e dela formou um corpo metódico e regular.

Demonstrando que os fatos falsamente classificados de sobrenaturais estão submetidos a leis, ele os faz entrar na ordem dos fenômenos da natureza e destrói, assim, o último refúgio do

maravilhoso, um dos elementos da superstição. Durante os primeiros anos em que o assunto fora os fenômenos espíritas, essas manifestações foram mais um objeto de curiosidade do que um assunto de sérias meditações; O Livro dos Espíritos fez olhar a coisa sob outro aspecto; então se deixaram as mesas girantes, que só tinham sido um prelúdio e se concentrou num corpo de doutrina que abarcava todas as questões que interessavam à humanidade.

Da aparição do O Livro dos Espíritos data a verdadeira fundação do espiritismo, que, até então, só possuía elementos dispersos sem coordenação, e cujo alcance não pudera ser compreendido por todo mundo; desse momento também a doutrina fixa a atenção dos homens sérios e tomou um desenvolvimento rápido. Em poucos anos, essas idéias encontraram numerosos partidários, em todos os níveis da sociedade e em todos os países.

“Esse sucesso sem precedente se deve, sem dúvida, às simpatias que essas idéias encontraram, mas é devido também, em grande parte, à clareza, que é um dos caracteres distintivos dos escritos de Allan Kardec. Abstendo-se das fórmulas abstratas da metapsíquica, o autor soube por-se ao alcance de todo o mundo e fazer-se lido sem fadiga, condição essencial para a vulgarização de uma idéia. Sobre todos os pontos de controvérsia, sua argumentação, de uma lógica rigorosa, oferece pouca margem à refutação e predispõe à convicção.

As provas materiais que dá o Espiritismo, da existência da alma e da vida futura, tendem à destruição das idéias materialistas e panteístas. Um dos princípios mais fecundos dessa doutrina, e que decorre do precedente, é o da pluralidade das existências, já entrevisto por várias filosofias antigas e modernas e, nestes últimos tempos, por Jean Reynaud, Charles Fourier, Eugène Sue e outros; mas permanecera no estado de hipótese e de sistema, enquanto o espiritismo demonstra a realidade disso, e prova que é um dos

atributos essenciais da humanidade.

Desse princípio decorre a solução de todas as anomalias aparentes da vida humana, de todas as desigualdades intelectuais, morais e sociais; o homem sabe, assim, de onde vem, para onde vai, para que fim está na Terra, e por que aí sofre. As idéias inatas se explicam pelos conhecimentos adquiridos nas vidas anteriores; a marcha dos povos e da humanidade, pelos homens dos tempos passados que revivem após ter progredido; as simpatias e as antipatias, pela natureza das relações anteriores; essas relações, que reatam a grande família humana de todas as épocas, dão como base as mesmas leis da natureza, e não mais uma teoria, aos grandes princípios de fraternidade, de igualdade, de liberdade, e de solidariedade universal.

“A doutrina espírita, tal qual ela ressalta das obras de Allan Kardec, encerra em si os elementos de uma transformação geral nas idéias, e a transformação das idéias leva forçosamente à da sociedade. Desse ponto de vista, ela merece a atenção de todos os homens de progresso. Como sua influência se estende já sobre todos os países civilizados, dá à personalidade de seu fundador uma importância considerável, e tudo faz prever que, num futuro talvez próximo, ele será citado como um dos reformadores do século XIX”.

lait son balaïsme. (Lactopédo.) S'emploie absolument. Une femme dont le lait est trop aigreux ne doit pas allaiter. [Se dit de l'allaitement artificiel. Il a fallu allaiter cet enfant au biberon. Peut aussi s'employer avec un nom de chose pour sujet. L'enfant ne connaît que le sein qui l'allaita. (Rostan.)

ALLAITES s. f. Pl. C'est ainsi qu'en terme de vénérie on appelle les têtes de la louve.

ALLALITE, s. f. Minéral. Nom sous lequel on a désigné le pyroxène.

ALLAMANDE, s. f. (d'Allemagne, professeur d'hist. nat. à Leyde). Bot. Genre de plantes de la famille des apocynacées, formé pour des arbrisseaux sermenteux, grimpants, de l'Amérique tropicale, à feuilles verticillées et à fleurs jaunes, très-belles, réunies en bouquets.

ALLA MILITARE, loc. adv. italienne qui signifie à la militaire, et qui, placée en tête d'un air, d'un chœur ou de toute autre pièce de musique, indique qu'il faut lui donner le caractère d'expression, le style d'exécution des marches militaires.

ALLANIE, s. f. (d'Allen Cunningham), botaniste anglais). Bot. Genre de plantes de la famille des légumineuses, fondé sur un grand arbre de la Guinée, à feuilles grandes, coriaces, cotoneuses en dessous, à fleurs blanches, étalées, disposées en longues grappes.

ALLANTINE, s. f. Substance minérale trouvée pour la première fois dans le Groënland. Sa forme cristalline est un prisme rhomboïde. L'allantine de Juranfeld se rencontre à l'embouchure de Mjelka-Elf. On trouve dans des roches porphyroïdes qui forment le lit de Mjelka-Elf, des veines qui se composent presque entièrement d'allantine. L'allantine de Suarum, lieu où l'on trouve le rutile et l'apatite de ce nom. L'allantine est noire et vitreuse, elle se fond difficilement au chalumeau et est assez dure pour rayer le verre.

ALLAN KARDEC (Hippolyte-Léon-Denizard né en Lyon le 3 octobre 1804, originaire de Bourg en Bresse, département de l'Ain. Quoique fils et petit-fils d'avocats, et d'une ancienne famille qui s'est distinguée dans la magistrature et le barreau, il n'a point suivi cette carrière; de bonne heure il s'est voué à l'étude des sciences et de la philosophie. Elève de Pestalozzi, en Suisse, il devint un des disciples éminents de ce célèbre pédagogue, et l'un des propagateurs de son système d'éducation, qui a exercé une grande influence sur la réforme des études en France et en Allemagne. C'est à cette école que se sont développées les idées qui devaient plus tard le placer dans la classe des hommes de progrès et des libres penseurs. Né dans la religion catholique, mais élevé dans un pays protestant, les actes d'intolérance qu'il dut subir à ce sujet lui firent, dès l'âge de quinze ans, concevoir l'idée d'une réforme religieuse, à laquelle il travailla dans la silence pendant de longues années, avec la pensée d'arriver à l'unification des croyances; mais il lui manquait l'élément indispensable à la solution de ce grand problème. Le spiritisme vint plus tard le lui fournir et imprimer une direction spéciale à ses travaux. Vers 1850, dès qu'il fut question des manifestations des esprits, Allan Kardec se livra à des observations persévérantes sur ces phénomènes, et s'attacha principalement à en déduire les conséquences philosophiques. Il y entrevit tout d'abord le principe de nouvelles lois naturelles: celles qui régissent les rapports du monde visible et du monde invisible; il reconnut dans l'action de ce dernier une des forces de la nature, dont la connaissance devait jeter la lumière sur une foule de problèmes réputés insolubles, et il en comprit la portée au point de vue scientifique, social et religieux. Ses principaux ouvrages sur cette matière sont: le *Livre des esprits*, pour la partie philosophique, et dont la première édition a paru le 18 avril 1857; le *Livre des médiums*, pour la partie expérimentale et scientifique (janvier 1861); l'*Évangile selon le spiritisme*, pour la partie morale (avril 1864); le *Ciel et l'Enfer*, ou la justice de Dieu selon le spiritisme (février 1865); la *Vièvre spiritiste*, journal d'études psychiques, recueil mensuel commencé le 1^{er} janvier 1859. Il a fondé à Paris, le 1^{er} avril 1859, la première société spiritiste régulièrement constituée sous le nom de Société parisienne des études spiritistes, dont le but exclusif est l'étude de tout ce qui peut contribuer au progrès de cette nouvelle science. Allan Kardec se défend lui-même d'avoir rien écrit sous l'influence d'idées préconçues ou systématiques; homme d'un caractère froid et calme, il a observé les faits, et de ses observations il a dé-

duit les lois qui les régissent; le premier il en a donné la théorie et en a formé un corps méthodique et rigoureux. En démontrant que les faits surnaturels qu'on appelle phénomènes de la nature, et détruit ainsi le dernier refuge de l'incrédulité et l'un des éléments de la superstition. Pendant les premières années où il fut question de phénomènes spiritistes, ces manifestations furent plutôt un objet de curiosité qu'un sujet de méditations sérieuses; le *Livre des esprits* fit envisager la chose sous un tout autre aspect; alors on délaissa les tables tournantes, qui n'avaient été qu'un prétexte, et l'on se rallia à un corps de doctrine qui embrassait toutes les questions intéressant l'humanité. De l'apparition du *Livre des esprits* date la véritable fondation du spiritisme, qui, jusqu'alors, n'avait possédé que des démons éparés sans coordination, et dont la portée n'avait pu être comprise de tout le monde; de ce moment aussi la doctrine fixa l'attention des hommes sérieux et prit un développement rapide.

En peu d'années ces idées trouvèrent de nombreux adhérents dans tous les rangs de la société et dans tous les pays. Ce succès, sans précédent, tient sans doute aux sympathies que ces idées ont rencontrées, mais il est dû aussi en grande partie à la clarté, qui est un des caractères distinctifs des écrits d'Allan Kardec. En s'abstenant des formules abstraites de la métaphysique, l'auteur a su se mettre à la portée de tout le monde et se faire lire sans fatigue, condition essentielle pour la vulgarisation d'une idée. Sur tous les points de controverse, son argumentation, d'une logique serrée, offre peu de prise à la réfutation, et prédispose à la conviction. Les preuves matérielles que donne le spiritisme de l'existence de l'âme et de la vie future, tendent à la destruction des idées matérialistes et matérialistes. Un des principes les plus féconds de cette doctrine, et qui découle du précédent, est celui de la pluralité des existences, déjà entrevu par une foule de philosophes anciens et modernes, et dans ces dernières temps par Jean Reynaud, Charles Fourier, Eugène Sue et autres; mais il était resté à l'état d'hypothèse et de conjecture, tandis que le spiritisme en démontre la réalité, et prouve que c'est un des attributs essentiels de l'humanité. De ce principe découle la solution de toutes les anomalies apparentes de la vie humaine, de toutes les inégalités intellectuelles, morales et sociales; l'homme sait ainsi d'où il vient, où il va, pour quelle fin il est sur la terre, et pourquoi il y souffre. Les idées innées s'expliquent par les connaissances acquises dans les vies antérieures; la marche ascendante des peuples et de l'humanité, par les hommes des temps passés qui revivent après avoir progressé; les sympathies et les antipathies, par la nature des rapports antérieurs; ces rapports, qui relient la grande famille humaine de toutes les époques, donnent pour base les lois mêmes de la nature, et non plus une théorie, aux grands principes de fraternité, d'égalité, de liberté et de solidarité universelle. Il touche, en outre, directement à la religion, en ce que la pluralité des existences étant la preuve du progrès de l'âme, détruit radicalement le dogme de l'enfer et des peines éternelles, incompatible avec ce progrès; avec ce dogme suranné tombent les nombreux abus dont il a été la source. Au lieu du principe: *Hors l'Église point de salut*, qui entretient la division et l'antipathie entre les différentes sectes, et qui a fait verser tant de sang, le spiritisme a pour maxime: *Hors la charité point de salut*, c. à d. l'égalité de tous les hommes devant Dieu, la tolérance, la liberté de conscience et la bienveillance mutuelle. Au lieu de la foi aveugle qui annihilait la liberté de penser, il dit: *Il n'y a de foi véritable que celle qui peut regarder la raison face à face à tous les âges de l'humanité. À la foi, il faut une base, et cette base, c'est l'intelligence parfaite de ce que l'on doit croire; pour croire il ne suffit pas de voir, il faut surtout comprendre. La foi aveugle n'est plus de ce siècle; or, c'est précisément le dogme de la foi aveugle qui fait aujourd'hui le plus grand nombre d'incrédules, parce qu'elle veut s'imposer, et qu'elle exige l'abandon d'une des plus précieuses facultés de l'homme: le raisonnement et le libre arbitre.* (Évangile selon le spiritisme.) La doctrine spiritiste, telle qu'elle ressort des ouvrages d'Allan Kardec, reforme en elle les éléments d'une transformation générale dans les idées, et la transformation des idées amène forcément celle de la société. A ce point de vue elle mérite l'attention de tous les hommes de progrès. Son influence s'étendant déjà sur tous les pays civilisés, donne à la personnalité de son fondateur une importance considérable, et tout fait prévoir que, dans un avenir peut-être

prochain, il sera posé comme l'un des réformateurs du XIX^e siècle.

ALLANT, ANTE, adj. Qui aime à aller, à marcher, à courir; qui est dispos, laborieux, actif. Un homme allant. Cette femme est encore assez vaillante pour son âge. On dit substantiv. et au pluriel masculin: Les allants et venants. Ceux qui vont et viennent. Cette maison est ouverte aux allants et venants, c. à d. à tout le monde. Une maîtresse allante, des allants et venants, un cocher allante. (P. L. Courcier.) On dit aussi au singulier: Tôt allant et venant. [La langue populaire, toujours si expressive, a surnommé les bohémiens les allants. En effet, ils naissent, vivent et meurent sur les routes.

ALLANTITES, s. m. pl. (du gr. ἀλλαν, avoiron, avoiron). Entom. Groupe d'insectes hyménoptères, appartenant à la famille des tenthredinides.

ALLANTOATE, s. m. Chim. Genre de sels formés par la combinaison de l'acide allantique avec une base salifiable.

ALLANTODIE, s. f. Bot. Genre de plantes cryptogamiques, fondé sur une espèce de l'Australie.

ALLANTOÏDE, s. f. (du gr. ἀλλαν, avoiron; οἶδος, forme). Anat. Sorte de sac membraneux faisant partie de l'arrière-faix des mammifères et ayant son siège entre le chorion et l'amnion. Cet organe a pour objet de recevoir l'urine que sécrètent les reins pendant la vie intra-utérine. L'allantoïde n'existe chez l'homme qu'à l'état rudimentaire, tandis qu'elle est très-apparante chez les animaux.

ALLANTOÏDIEN, ENNE, adj. Anat. Se dit du liquide contenu dans la cavité de l'allantoïde.

ALLANTOÏNE, s. f. Chim. Corps qui a été découvert par Vanquelin dans la liqueur allantique des vaches. On l'obtient artificiellement en faisant bouillir une partie d'acide urique dans deux parties d'eau, et en ajoutant à la liqueur de l'oxyde pur de plomb par doses fractionnées, jusqu'à ce que celui-ci cesse de changer de couleur. La liqueur, filtrée bouillante, laisse, après le refroidissement, déposer des cristaux prismatiques d'allantoïne. On purifie ces cristaux par des cristallisations répétées. L'allantoïne est très-soluble à chaud, qu'elle soit pure ou mélangée à l'acide urique. Elle est plus soluble à chaud qu'à froid. Bouillie dans des solutions alcalines, elle se décompose en oxalate alcalin et en ammoniac. (Hofier.)

ALLANTOÏQUE, adj. Chim. Qui se trouve dans l'allantoïne, qui se rapporte à l'allantoïde. l'Acide allantique. Nom donné à l'acide ammoniacé par un chimiste qui a prouvé qu'il existait dans la liqueur de l'allantoïde et non dans celle de l'amion.

ALLANTOPHORE, adj. (du gr. ἀλλαν, avoiron; φορέω, porter). Hist. nat. Qui est muni d'organes ou d'appendices ayant la forme d'un boyau. [Se dit d'une méduse dont le cercle ombrellaire est formé d'organes cylindriques.

ALLANTURIQUE, adj. Chim. Se dit d'un nouvel acide découvert par Pelouze, et qui se ferme toujours lorsqu'on décompose par l'oxyde pur de plomb l'acide urique et l'allantoïne. Le chlorure, l'acide nitrique, et sans doute plusieurs autres corps oxydants, lui donnent également naissance dans leur contact avec l'acide urique. L'acide allanturique est blanc, légèrement acide, déliquescant, mais presque insoluble dans l'alcool.

ALLANTUS, s. m. (du gr. ἀλλαν, avoiron; αυτισσιν, forme de l'insecte). Entom. Genre d'insectes hyménoptères de la famille des tenthredinides, renfermant un très-grand nombre d'espèces isoligènes dont les plus répandues en Europe sont l'allantus livide et celui de la scrofulaire.

ALLA PALESTRINA, loc. adv. Se dit d'un style de musique d'église et de chambre, traité avec une telle perfection au XVII^e siècle par l'Italien Palestrina, que ses ouvrages sont devenus le modèle du genre.

ALLA POLACCA, loc. adv. Mots italiens qui indiquent qu'un morceau de musique est écrit dans le mouvement des polonaises, c. à d. dans une mesure à trois temps d'un mouvement modéré.

ALLARD (Jean-François). Général français, né à Saint-Tropez (Var) en 1785, mort dans l'Inde en 1839. Capitaine et aide de camp du maréchal Brune, il quitta la France après l'assassinat de ce dernier, à Avignon, en 1815, parcourut l'Égypte et la Perse, et se fixa, en 1822, auprès de Rindjet-Singh, roi de Lahore et de Chenyrye. Ayant gagné la confiance de ce souverain par son caractère, ses talents et d'éminentes services rendus, Allard, comblé d'honneurs et de dignités, fut nommé généralissime d'une armée organisée à la française, ou les commandements se faisaient en français, et qui avait adopté le drapeau tricolore, qui est devenu depuis

Reprodução da fonte original da citação biográfica de Allan Kardec publicada no Nouveau Dictionnaire Universel do Sr. Maurice Lachâtre, Tome Primeiro, Pág. 199, Edição de 1865 - 1870.

